

	marcos	chaves
galeria	nara	roesler

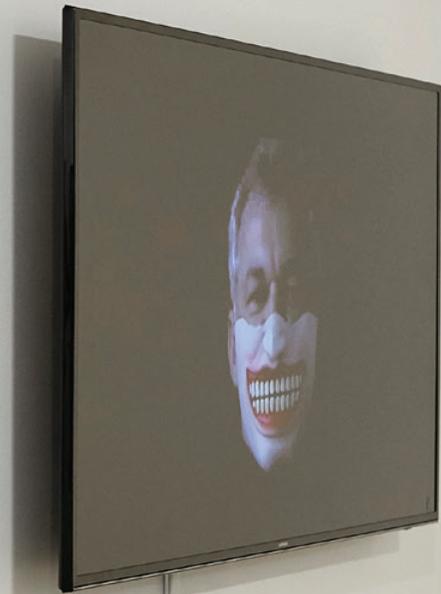




vista da exposição - galeria nara roesler | new york, 2017

imagem da capa:
jaws, 1992
bolsa de veludo
45 x 33 x 15 cm







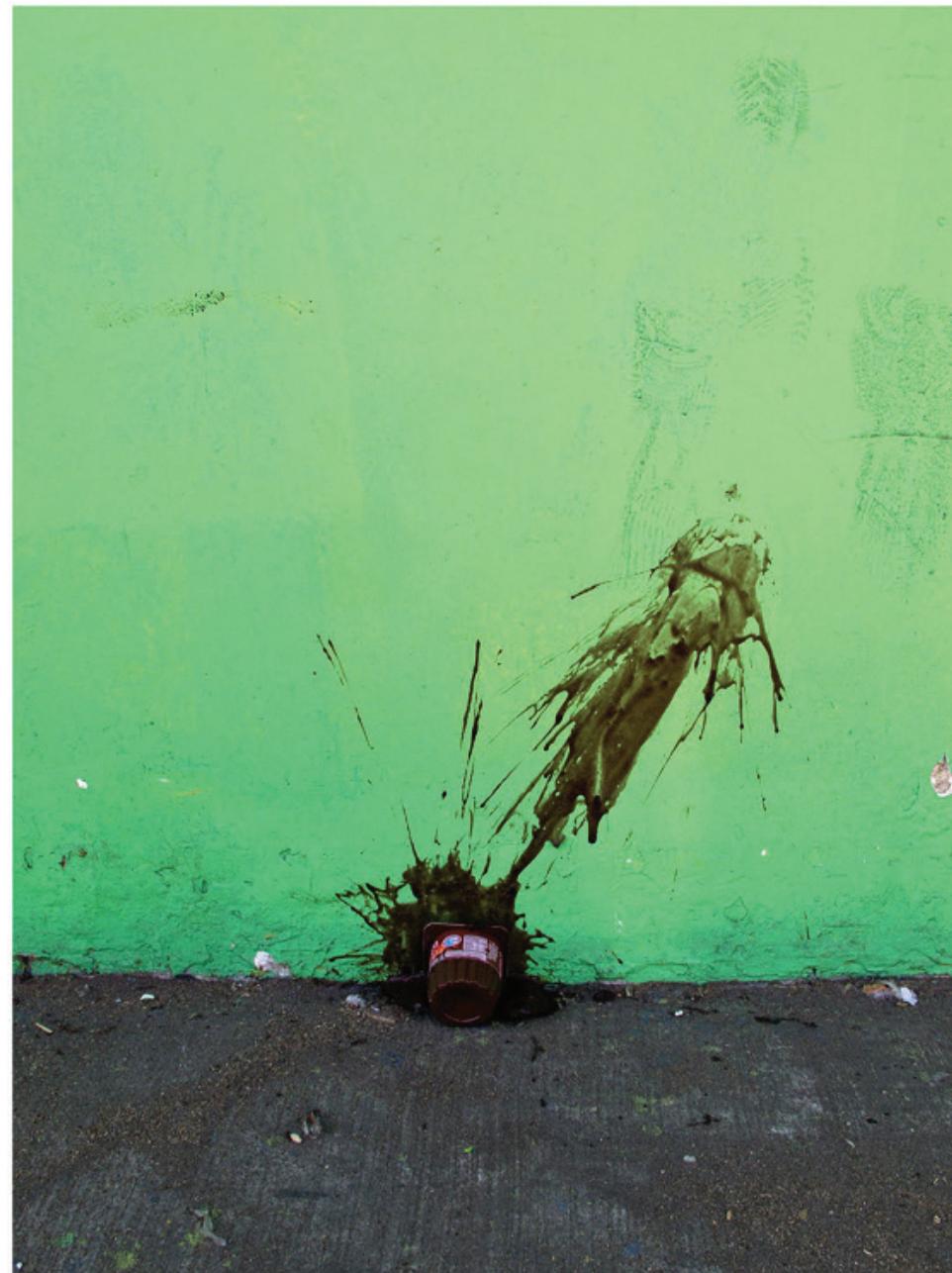


sem título # 22 da série **buracos**, 1996/2014
impressão jato de tinta sobre papel de algodão
ed. 1/3 + 2 PA
150 x 100 cm

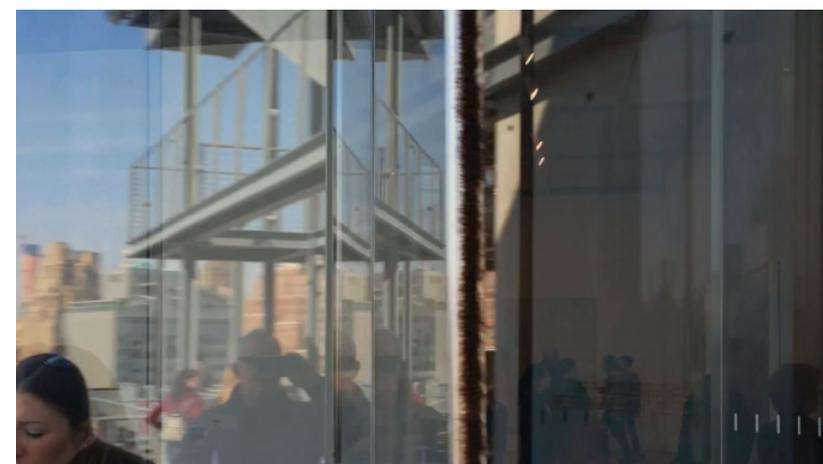
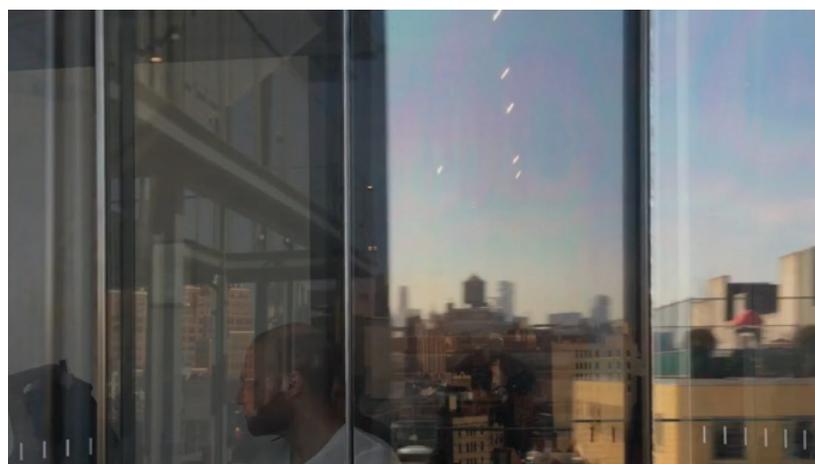
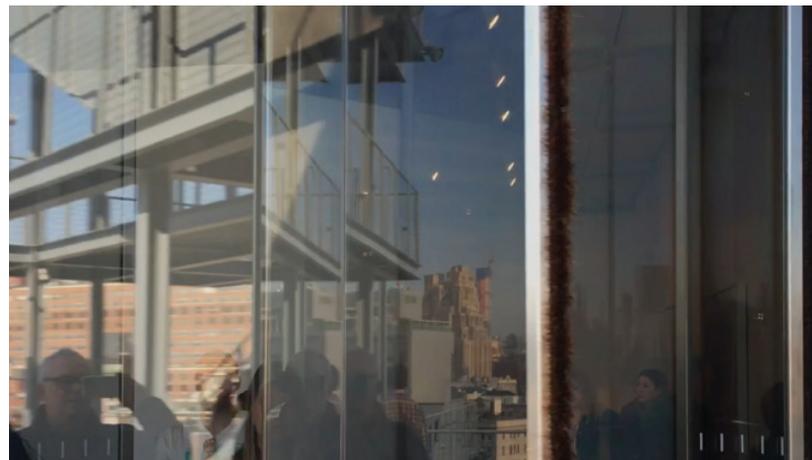
sem título # 17 da série **buracos**, 1996/2014
impressão jato de tinta sobre papel de algodão
ed. 1/3 + 2 PA
150 x 100 cm



laughing mask, 2005
mídia digital
ed. 3/5 + 2 PA
loop



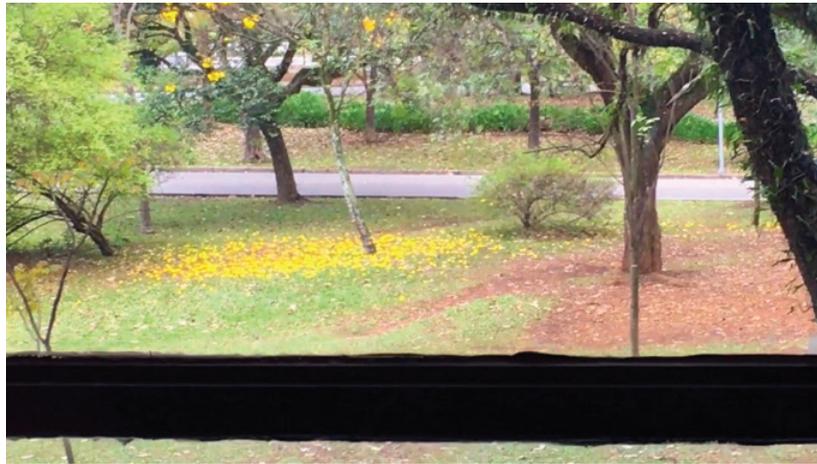
sem título, 2012/2016
impressão jato de tinta sobre papel de algodão
ed. 1/5 + 2 PA
60 x 45 cm e 120 x 90 cm



revolving door, 2016
mídia digital
ed. 1/5 + 2 PA
loop



disfarça e chora, 2016
mídia digital
ed. 1/5 + 2 PA
loop



bump, 2016
mídia digital
ed. 1/5 + 2 PA
loop

Para inaugurar seu novo espaço em Nova York, a Galeria Nara Roesler apresenta *Marcos Chaves*, uma seleção de 23 obras, incluindo fotografias, instalações e vídeos, abrangendo os 25 anos de carreira do artista.

O conjunto de trabalhos reunidos destaca o particular olhar andarilho de Chaves, que capta e constrói crônicas visuais, a partir de imagens encontradas nas cidades, especialmente no Rio de Janeiro, onde mora. Com um vocabulário fundado no humor e no acaso, o artista retira objetos banais, cenas e paisagens cotidianas do contexto lógico, para subverter ângulos estabelecidos e provocar diferentes narrativas. “Marcos Chaves surpreende significados e valores imersos nas coisas vulgares, dissimulados no hábito ou na convenção. Faz deslocamentos imprevisíveis e produz assemblages em tom de paródia, destilando aí a sua aguda observação sobre o mundo, da tecnologia ao lixo”, afirma a crítica brasileira Ligia Canongia.

Chaves usa o humor como catalisador de seu trabalho, recorrendo a registros visuais diversos para criticar a cegueira com que se veem as coisas corriqueiras sob a influência das convenções socioculturais. Para ele, o processo de criação de uma obra de arte pode consistir em retirar um objeto comum de seu ambiente funcional, combiná-lo com outros objetos, contextos ou referências e então apresentá-lo com legendas diferentes das que se esperaria para ele. “É incrível que depois de séculos de discussão não se consiga fazer uma distinção entre o riso e a seriedade sem colocá-los como oponentes. O humor, como intenção sincera, pode ser uma atitude política concisa, sem ser dogmática, bastante conseqüente”, comenta o artista.

No contexto urbano, Chaves flagra intervenções espontâneas populares, como as sinalizações de buracos em vias públicas, composta por insólitos objetos (série *Buracos* 1996/2014), ou captura delicadezas poéticas contidas em latas de tinta entornadas (*Sem título* 2012 / 2016), na sombra de um inseto sobre um muro (*Dancing Spider* (horizontal), 2016), ou na luminosidade colorida projetada sobre um piso comum de calçada (*Sem título*, 2012).

A abordagem irônica é sublinhada em imagens como na fotocomposição fálica de três arranha-céus (*Sem título*, 2016), no díptico que combina o crescimento improvável de uma copa de árvore e uma cadeira desprovida de função (série *Santiago*, 2012), na foto protagonizada por uma corda desgastada disposta em forma de clave de sol (*Sem título*, 2016), ou no vídeo que sugere o trágico- cômico do sorriso (*Laughing mask*, 2005)

“Evocando em seu trabalho o ambiente ruidoso do mundo, a Marcos Chaves interessa, sobretudo, a disponibilidade para ver o que é dado a todos – a vida ordinária – como se fora sempre e de novo a primeira vez”, afirma Moacir do Anjos.

sobre **marcos chaves**

Marcos Chaves (n. 1961 no Rio de Janeiro, Brasil) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira artística no início da década de 1980. Artista conceituado, Chaves trabalha com fotografia, vídeo, assemblage e instalações de grandes dimensões, transformando experiências cotidianas e materiais comumente ignorados em objetos artísticos. Com leveza e paródia, suas obras empregam o humor para ocultar uma sensibilidade trágica e poética. “O humor abre caminhos”, afirma. “Às vezes você ri de coisas que podem não ser tão engraçadas assim. O humor pode nos fazer parar para pensar”. Chaves sobrepõe textos a fotos, registra suas próprias intervenções em fotografia e vídeo e instala objetos não-artísticos preexistentes em contextos artísticos, numa abordagem que lembra Marcel Duchamp. Em Academia, criou uma academia ao ar livre, com cimento, tubos de ferro, madeira e barras, que moradores do Rio de Janeiro podiam usar para se exercitar. O título é um trocadilho com a centralidade do samba e das academias no cotidiano dos cariocas.

